# BRINCAR: UM CAMINHO BILÍNGÜE PARA MÃE DA CRIANÇA SURDA

*Teresa Ribeiro de Freitas Rossi*[1]
*Universidade Estadual de Campinas*
*CEPRE / FCM / UNICAMP* (*Brasil*)

## 1. Introdução

Esta pesquisa foi desenvolvida com mães de crianças surdas do Programa de Orientação às Famílias de Crianças Surdas no Centro de Estudos e Pesquisas e Reabilitação Prof. Dr. Gabriel O. da Silva Porto (Cepre) da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) São Paulo/Brasil.

Observamos em estudos anteriores a dificuldade dos pais ouvintes de estabelecerem uma relação comunicativa com seus filhos surdos, solicitando freqüentemente um profissional como intérprete dessa relação, sendo assim, resolvemos propor a inversão do enfoque, alterando da criança para os pais, pois é com eles que o filho passa a maior parte do tempo, na maioria dos casos.

Observamos, também neste estudo, o papel exercido pela mulher (mãe) na família, e a existência social que lhe é feita.

Esta exigência social à mulher foi vista neste estudo como mais um aspecto cultural de nossa sociedade. Embora este estudo não tenha tido como objetivo discutir o papel cultural da mulher na nossa sociedade, ficou claro que cabe a mãe a responsabilidade e a dedicação ao filho no que diz respeito ao processo educacional deste. Mesmo quando contava com o parceiro, ela foi a grande responsável por todo o processo. Quando por outro lado, ela não contou com o apoio do parceiro, levou um pouco mais de tempo para aceitar este papel, mas acabou quase sempre assumindo-o.

Este estudo não se propunha a discutir o papel cultural da mulher na nossa sociedade, mas não podemos ignorar a atuação relevante, positiva ou negativa desta naquela pesquisa (Rossi, 1994).

---

[1] Teresa Ribeiro de Freitas Rossi, Av. Moraes Sales, 1654, apto. 112. Cambuí-Campinas/Sao Paulo. CEP 13010-002, Brasil. Email: terezafr@fcm.unicamp.br

Hoje o objetivo do Programa de Orientação às Famílias de Crianças Surdas, é o de auxiliar a reconstrução de uma relação satisfatória entre pais ouvintes/filho surdo através do estabelecimento de uma interação comunicativa que não se restringe somente à língua oral, mas mostrando-lhes à língua de sinais como a maior possibilidade comunicativa neste momento, e se exercida na rotina diária irá tornar-se natural.

Portanto, este estudo tem como objetivo maior discutir e apontar como a criança surda, através da "linguagem universal" da criança, o brincar, mais a língua natural da criança surda, a língua de sinais, estabelece uma interação com sua mãe ouvinte, acreditando que esta relação é o alicerce para o desenvolvimento tanto no plano cognitivo, afetivo, emocional quanto no lingüístico.

Nossa preocupação inicial era como uma criança que não fala e não escuta poderia de fato manter um interação motivadora e duradoura com outra pessoa que fala e escuta?

Sim, pela língua. A mesma língua muitas vezes facilita esta aproximação, mas nem sempre é o suficiente, como podemos verificar entre pais ouvintes/filhos ouvintes, o quanto esta interação positiva e duradoura, muitas vezes é tão difícil, embora falando-se a mesma língua?

Pensamos, talvez a mesma condição lingüística mais a linguagem universal das crianças, o brincar. Isto poderia de fato aproximar mais facilmente a mãe do filho, numa relação mais prazerosa, mais afetiva e porque não dizer, mais consciente da diferença de língua, no caso da criança surda.

Sabemos da importância da aquisição de uma língua logo nos primeiros anos de vida da criança, para que não haja danos cognitivos futuros, portanto, no Programa de Orientação às Famílias de Crianças Surdas é proposto a aprendizagem da língua de sinais por eles, através de um instrutor fluente nesta língua.

Desde o nascimento até a suspeita e diagnóstico da surdez, a relação da família com a criança é em geral livre de "culpas", embora se reconheça que o nascimento de uma criança em uma família é seguido por um período de stress e necessárias adaptações. Nesse período verifica-se um fluxo de forte carga afetiva entre os pais e o bebê, expressa por beijos, cantigas e brincadeiras. Tudo, isso, os sons e as expressões se constituem numa linguagem e fazem parte da relação comunicativa que se estabelece

entre pais e filho. Com o diagnóstico da surdez essa relação muda quase que radicalmente.

A nossa prática vem nos mostrando que os pais, ao terem certeza da surdez do filho, passam a sentir "pena" da criança olhando-a com tristeza tendendo a se culparem e passando a se sentirem pouco a vontade ao brincar com um filho que não escuta. Essa mudança de comportamento altera significativamente a relação entre mãe/filho, comprometendo o vínculo com os pais sendo este de extrema importância para a criança, que já fora "estremecido" após o diagnóstico da surdez, necessitando ser reconstruído o mais rápido possível para que não haja danos futuros maiores.

Como a aquisição de uma língua envolve um processo complexo que começa ao nascer. Para tanto, existem condições particulares para desenvolver satisfatoriamente, Brito (1985) coloca que "para aprender a falar a criança deve ser beneficiada de um banho de linguagem e conhecer o prazer de ser compreendida". Portanto, reconhece a importância da língua, já nos primeiros anos de vida para um desenvolvimento satisfatório. E ainda aponta que atrasos nesta aquisição acarretam déficits cognitivos, insistindo haver um "horário biológico" para a aquisição de uma língua.

Acreditando, portanto, que a aquisição da linguagem é um processo eminentemente construtivo, e que o uso desta instaura um jogo entre as pessoas envolvidas e a atribuição de significados é constituída mediante todo processo que compreende negociação, pressuposição, conhecimento mútuo, a construção da linguagem compreende, portanto um "eu" e um "tu"que se constituem interlocutores na própria situação de interação dialógica (Coudry, 1986). Ou seja, no caso a linguagem desde o primeiro encontro da criança com a mãe, através de toques, carícias, canções, sorrisos entre outros.

Em nossas observações percebemos que o vínculo poderá ser novamente fortalecido à medida que os pais ouvintes, junto com o filho surdo, realizem brincadeiras no dia-a-dia a fim de desenvolver a linguagem e a afetividade fazendo fluir assim uma interação cada vez mais natural e eficiente.

Sendo o ambiente familiar rico em ocorrências potencialmente oportunas para serem aproveitadas pelos pais, visando a aprendizagem da criança. Se forem orientados e alertados para fatos que ocorram na rotina diária, tornar-se-ão mais atentos quanto a

importância da língua de sinais e de certas mudanças de comportamento devido a surdez do filho.

Pais de crianças ouvintes naturalmente informam seus filhos sobre o que vão fazer ou o que pode ocorrer, pais de crianças surdas, ao contrário, se não forem alertados para esse tipo de atividade, provavelmente não o farão.

Esses "alertas" e esclarecimentos, também, quanto à aprendizagem da língua de sinais pela família, da aprendizagem da língua oral e da escrita pela criança, entre outros, deve ser oferecida à família pelo profissional da área da surdez, que deverá transformar seus conhecimentos em informações claras a estas famílias, estimulando-as a se tornarem agentes de fato e não paciente do processo, principalmente porque vão poder acompanhar e se responsabilizar pela evolução do filho, contribuindo assim para uma auto-imagem cada vez mais positiva.

Segundo Góes (1996) "não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo depende das oportunidades oferecidas, em especial para a consolidação da linguagem".

Buscaglia (1993), aponta que a família não pode ser minimizada, pois é neste campo de experiência seguro que as crianças surdas, primeiro aprenderão e comprovarão continuamente que apesar se não ouvirem é lhes permitido serem elas mesmas.

A conscientização dos pais sobre a surdez de seu filho e a necessidade da aquisição da linguagem de sinais, segundo Lodi & Harrison (1998) deve ser o primeiro aspecto a ser abordado, como passo decisivo para o desenvolvimento da criança.

## 2. Brincar / linguagem / família

As relações cognitivas e afetivas conseqüente da interação lúdica, segundo Cunha (1994) proporcionam amadurecimento emocional e vão pouco a pouco construindo a sociabilidade infantil, aprendendo assim, a conviver respeitando o "direito dos outros e as normas estabelecidas pelo grupo". Brincar com o outro é, então necessário para evitar que a criança fique sem estímulo e aprendendo a conviver com a crítica que um parceiro pode proporcionar.

Quando os pais participam da brincadeira do filho enriquecem-na e lhe dão prestígio. A criatividade dos pais pode servir de estímulo no processo criativo da

criança e sua paciência poderá propiciar a capacidade de observar e de desenvolver a atenção. Brincar junto reforça os laços afetivos, fazendo com que a criança sinta que a brincadeira é valorizada (Sheridan, 1990).

O objetivo da brincadeira para a criança pequena é o próprio processo de brincar e não seus resultados, pois no início de seu desenvolvimento é a ação que determina o significado da brincadeira, não apresentando condições, ainda, de prever situações (Goldfeld, 1997).

Para Leontiev (1994),

> […] o que distingue de uma ação que não constitui uma brincadeira é apenas sua motivação, a ação lúdica é psicologicamente independente e seu resultado objetivo, porque sua motivação não reside nesse resultado. (Leontiev, 1994)

Podemos observar que nenhuma das teorias sobre jogo é universal, mas é reconhecida pelo seu potencial educacional.

Portanto, para esse estudo foram considerados os termos: brincar, jogar e brincadeira como sinônimos, e o brinquedo como definiu Kishimoto (1996), o objeto de suporte da brincadeira.

## 3. Metodologia

Para melhor avaliação de aspectos do desenvolvimento da criança surda frente ao brincar, achamos fundamental fazer uma investigação de caráter qualitativo uma vez que o interesse está centrado no significado da vivência entre mãe/filho e os dados coletados são ricos em descrições de pessoas, situações e acontecimentos.

Portanto, esta pesquisa não poderia ter outra abordagem que não a qualitativa, uma vez que o interesse está centrado na relação mãe ouvinte/filho surdo, necessitando do contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. A busca, através das observações, das descrições de situações e acontecimentos, bem como as motivações, são características da pesquisa qualitativa.

Este estudo foi realizado no Cepre, no Programa de Orientação às Famílias de Crianças Surdas. O trabalho de campo envolveu 2 crianças surdas que eram filmadas mensalmente, junto com suas mães ouvintes. Essas eram as únicas crianças do Programa com o perfil exigido para a investigação.

Os registros das filmagens abrangeram situações de brincadeira entre criança surda/mãe ouvinte num período de 1 ano e 5 meses, sendo que no início das filmagens as crianças estavam com 2 anos completos e terminaram com 3 anos e 5 meses.

Os brinquedos utilizados em nosso estudo foram selecionados pelo aspecto lúdico e pela motivação visual e a atuação da fonoaudióloga constituiu-se em encontros semanais de orientação à mãe iniciado quando as crianças tinham 6 e 7 meses.

Para selecionarmos as crianças para as filmagens foram considerados os seguintes critérios: Diagnóstico da surdez até 1 ano de idade; crianças surdas filhos de pais ouvintes e freqüência anterior ao Programa de Orientação de no mínimo 6 meses.

É importante lembrar que essa situação de filmagens fazia parte da rotina do Programa e era familiar tanto para as crianças quanto para as mães, e é um meio utilizado, para que a mãe possa avaliar o desenvolvimento do filho mensalmente, e a novidade neste caso ficou por conta do conjuntos de brinquedos que foram apresentados: na primeira filmagem o conjunto A, de 4 brinquedos e na segunda, o conjunto B, de mais 4 brinquedos. Tais brinquedos foram apresentados alternadamente, durante um ano e cinco meses nos quais a pesquisa se desenvolveu.

As filmagens, sempre que possível, foram realizadas próximo a data de aniversário de cada sujeito investigado, em cada mês da observação.

Os resultados foram analisados a partir dos pressupostos teóricos já citados no início deste trabalho, ou seja, a importância do papel materno no contexto do brincar, bem como o próprio desenrolar da brincadeira, pois seria um meio privilegiado de observar o desenvolvimento infantil nos seus vários aspectos.

## 4. Discussão dos resultados

Ao longo de 1 ano e 5 meses, prazo em que se desenvolveu a pesquisa, pudemos observar que o brincar permitiu uma compreensão comunicativa e trocas afetivas entre ambos, favorecendo a mãe um conhecimento maior sobre as capacidades de seu filho, adquirindo, assim maior segurança na maneira de como orientá-lo nos mais diversos aspectos.

Queremos ressaltar que mãe ao julgar que pouco pode fazer para o desenvolvimento do filho surdo, comete um grande equívoco, e isso foi possível observar através das filmagens das crianças com suas mães. A participação da mãe foi

fundamental no desenvolvimento das brincadeiras, para haver compreensão, motivação e comunicação.

Como podemos observar, as brincadeiras se constituiram em situações idéias para o intercâmbio comunicativo, e como bem coloca Marchesi (1995), são modo privilegiado, no qual surgem as possibilidades comunicativas com maior espontaneidade entre pais ouvintes/filho surdo.

As situações comunicativas aconteceram sempre de forma espontânea e tranqüila, sem que nenhuma delas apresentasse dúvidas ou dependesse esforços para compreederem-se mutuamente.

Vimos, também, o quanto a língua de sinais favoreceu a interação da mãe ouvinte com o filho surdo e concordamos com Bruner (1986) quando aponta que a aquisição dos sinais, pela criança surda, é mais rápida e mais eficiente quando é inserida no campo do brincar.

A utilização e compreensão dos sinais pela mãe se constitui segundo Pereira (1989) e Santana (1997), como meio facilitadores da interação, entre ela e filho surdo, fazendo com que a mãe se sinta mais confiante e segura, pois sente que é capaz de aprender uma outra língua e, esta aprendizagem, vai favorecer a comunicação entre elas bem como lhe possibilitará verificar e avaliar toda potencialidade deste filho surdo.

## 5. Conclusão

O brincar promoveu uma aproximação maior entre mãe e filho, de forma tranqüila e sem conflitos, propiciando a convivência com a surdez, sem medo.

Ficou claro, também, que as mães não atribuíram à surdez alguns comportamentos de "birra" apresentados pelos filhos, nem à dificuldade de comunicação. Acreditando que as crianças têm a capacidade de entender ou aceitar o "não" como limitante, fazendo com que elas revejam suas posturas.

Constatamos que o interesse no brincar, está mais centrado na proposta da brincadeira em si, por mais motivador que pareça ser num primeiro momento o brinquedo.O que de fato desencadeia o interesse da criança é a maneira como se desenvolve a brincadeira e as diferentes propostas do brincar que são oferecidas pelas mães ou sugeridas por elas próprias.

O brinquedo e as brincadeiras criaram, tanto nas mães como nos filhos, estímulos para sugestões de formas variadas de brincar, desde a exploração do brinquedo até a formulação de regras propiciando, desta maneira, maiores aquisições.

Estas aquisições ocorreram de forma e em épocas diferentes, em cada uma das crianças observadas. Na verdade o que nos interessa não é a época que se adquire alguns conceitos. O que importa é que eles foram adquiridos. Pudemos constatar, o que de fato ocorreu, o respeito ao tempo de cada uma das crianças.

O brincar permitiu às mães elaborarem melhor a surdez e enfrentarem a consequências acarretados pela surdez dos filhos, reavaliando seus sentimentos quanto as reais possibilidades de desenvolvimento destes, recuperando assim, uma auto-imagem cada vez mais positiva, ao constatar a "evolução" de seus filhos, que era acompanhada de sentimentos de orgulho.

Observamos que na brincadeira entre mãe ouvinte/filho surdo, foram sinais ao utilizados de maneira espontânea (a mãe, ainda, está em fase de aprendizagem da língua de sinais), favorecendo uma compreensão comunicativa de ambas as partes.

As mães demonstram naturalidade, quando as crianças falaram, não houve reforço, devido às verbalizações do filho, o que até então, parecia ser fundamental às mães de crianças surdas. E o interessante é que estas verbalizações, por parte das crianças, ocorreram de maneira espontânea dentro do contexto, sem nenhuma exigência ou incentivo por parte das mães para que isso ocorresse.

O fato de usar sinal, para se comunicar com o filho surdo, a não dificuldade da adaptação do aparelho de amplificação sonora individual, a colocação de limites, a não exigência e nem ansiedade para fala, são comportamentos que refletem a disponibilidade das mães em enfrentar a surdez sem medo, sendo fatores fundamentais para haver de fato a aceitações da surdez, comportamentos esses desencadeados pela brincadeira, pois adquiriram uma imagem positiva de seus filhos.

Podemos concluir dizendo que o interesse pela brincadeira foi um recurso efetivo, tanto para mãe como para criança, favorecendo uma aproximação maior entre mãe ouvinte/filho surdo, desencadeando assim, um caminho mais tranqüilo para a aquisição de novos conhecimentos e aprendizagens, onde a mãe teve chance de elaborar a "pena" que carrega em função da surdez do filho, pois contatou todo seu potencial (Rossi, 2000).

**Referências bibliográficas**

Brito, L.F. (1985). "Os direitos linguísticos do surdo". *Revista de Cultura Vozes* 5, 5-9.

Bruner, J. (1986). *Actual minds*: *Possible worlds*. Cambridge: Marvord University.

Buscaglia, L. (1993). *Os deficientes e seus pais*. Rio de Janeiro: Record.

Coudry, M.I.M. (1986). *Diário de Narciso*: *Avaliação e acompanhamento longitudinal de linguagem de sujeitos afásicos, de uma perspectiva discursiva*. Tese de Doutorado inédita, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP.

Cunha, N.M.S. (1994). *Brinquedoteca em mergulho no brincar*. São Paulo: Maltese.

Góes, M.C.R. (1996). *Linguagem, surdez e educação*. Campinas: Autores Associados.

Goldfeld, M. (1997). *A criança surda*: *Linguagem, cognição, numa perspectiva interacionista*. São Paulo: Plexus.

Kishimoto, T.M. (ed.) (1996). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez.

Leontiev, A.N. (1994). "Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar". In L.S. Vigotsky, A.R. Luria & A.N. Leontiev (eds.), *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone, 119-42.

Lodi, A. C. & R.M.P. Harrison (1998). "Língua de sinais e fonoaudiologia". *Espaço* 10, 41-46.

Marchesi, A. (1995). "Comunicação, linguagem e pensamento das crianças surdas". In C. Coll, J. Plácios & A. Marchesi (eds.), *Desenvolvimento psicológico e educação*: *Necessidades e educativas especiais e aprendizagem escolar*. Porto alegre: Artes Médicas, 200-13.

Pereira, M.C.C. (1989). *Interação e construção do sistema gestual em crianças deficientes auditivas, filhos de pais ouvintes*. Tese de Doutorado inédita, Instituto de Estudos Linguísticos, UNICAMP.

Rossi, T.R.F. (1994). *O papel educacional da fonoaudiologia com famílias de crianças surdas*. Dissertação de Mestrado inédita, Universidade Metodista de Piracicaba.

Rossi, T.R.F. (2000). *Brincar*: *Uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho surdo*. Tese de Doutorado inédita, Instituto de Estudos Linguísticos, UNICAMP.

Santana, C. (1997). "Abalando discursos 'metodológico': tocando questões teóricas". In M.F. Lier de Vitto (ed.), *Fonoaudiologia no sentido da linguagem*. São Paulo: Cortez (2ª ed.), 113-26.

Sheridan, M.D. (1990). *Brincadeiras espontâneas na primeira infância*: *Do nascimento aos 6 anos*. São Paulo: Manole.